

O ALÍVIO (IN)CONTINENTE
DO “PIRANGUEIRO”: SUJEITO
E SEXUALIDADE
CONTEXTO AMAZÔNICO

O ALÍVIO (IN)CONTIDO DO “PIRANGUEIRO”: SUJEITO E SEXUALIDADE EM CONTEXTO AMAZÔNICO

CÁSSIO JOSÉ SOUSA SILVA¹

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E
SABERES NA AMAZÔNIA (PPGLSA/UFPA)

O ALÍVIO (IN)CONTIDO DO “PIRANGUEIRO”: SUJEITO E SEXUALIDADE EM CONTEXTO AMAZÔNICO

Resumo

Sistematizando os cenários de uma feira livre, Bragança-PA, este artigo tem como objetivos: 1) relacionar o trabalho social da pesca à produção das masculinidades, compreendendo a vinculação histórica que o cais do porto tem nesse processo; 2) contribuir com os estudos que discutem a construção de identidades sociais na Amazônia, pensadas aqui pela via da sexualidade. Para isso, analisa-se o termo “pirangueiro” e suas conotações culturais e semânticas, tendo em vista que este sujeito figura como personagem em espaços ditos marginais da sociedade brasileira e reflete em contextos amazônicos um tipo social muito comum.

Palavras-chave: identidade, masculinidade, sociedade amazônica.

THE (UN)CONTAINED RELIEF OF THE “PIRANGUEIRO” CHARACTER: SUBJECT AND SEXUALITY IN AMAZONIAN CONTEXT

Abstract

Systematizing the scenarios of a street fair in Bragança-PA, this article aims: 1) to relate the social work of fishing to the production of masculinities, understanding the historical link that the docks hold in this process; 2) to contribute to the studies that discuss the construction of social identities in the Amazon, thought here by the perspective of sexuality. For this, the term “pirangueiro” and its cultural and semantic connotations are analyzed, considering that this subject plays an important role in the so-called marginal spaces of Brazilian society and appears in Amazonian contexts as a very common social type.

Keywords: Identity, masculinity, Amazonian society.

EL ALIVIO (IN)CONTENIDO DEL “PIRANGUEIRO”: SUJETO Y SEXUALIDAD EN CONTEXTO AMAZÓNICO

Resumen

Sistematizando los escenarios de una feria libre en Bragança-PA, este artículo tiene como objetivos: 1) relacionar el trabajo social de la pesca a la producción de masculinidades, comprendiendo la vinculación histórica que el muelle del puerto tiene en ese proceso; 2) contribuir a los estudios que discuten la construcción de identidades sociales en la Amazonia, pensadas aquí por la vía de la sexualidad. Para esto, se analiza el término “pirangueiro” y sus connotaciones culturales y semánticas, teniendo en cuenta que este sujeto figura como personaje en espacios considerados como marginales de la sociedad brasilera y refleja en contextos amazónicos un tipo social muy común.

Palabras clave: Identidad, Masculinidad, Sociedad amazónica.

LES SECOURS (EN) CONTENUES DANS LE “PIRANGUEIRO”: SUJET ET LA SEXUALITÉ DANS LE CONTEXTE AMAZONIEN

Résumé

En systématisant les scénarios d’une foire libre dans Bragança-PA, cet article vise : 1) à relier le travail social de la pêche à la production des masculinités, en comprenant le lien historique que les docks ont dans ce processus ; 2) à contribuer aux études qui traitent de la construction des identités sociales en Amazonie, pensés ici par la perspective de la sexualité. Pour cela, on analyse le terme « pirangueiro » et ses connotations culturelles et sémantiques, étant donné que ce sujet agit comme un personnage dans des soi-disant espaces marginaux de la société brésilienne et est considéré comme un type social très commun dans les contextes amazoniens.

Mots-clés : identité, masculinité, la société Amazonienne.

Endereço do autor para correspondência: Rua Oliveira Belo, 146, Ed. Paulo Maranhão, Ap. 503, Bairro Umarizal 66050-380 Belém-PA

cassiossousa@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Um som em volume alto se destaca em meio a um silêncio agonizante, de um ambiente que era, até então, reconhecido pelo barulho e pela intensa movimentação. A noite imprime outros movimentos e significados a uma feira livre situada às margens do rio Caeté, cidade de Bragança, nordeste paraense.

O som vindo de bares que ficavam atrás de um amontoado de barracas de madeira convidava um público diferenciado a adentrar por entre as suas vielas escuras e estreitas, ou pelas laterais de um posto fiscal portuário, local que também abrigava a AFEAB², uma associação que representava pescadores, trabalhadores do comércio informal, lojistas. Assim chegavam indivíduos a pé, de bicicleta e/ou vindos de moto-táxi, tipos de condução muito comum entre os moradores da cidade.

Estes bares, construídos em palafitas, figuravam a zona portuária e se tornaram locais de recepção para aqueles que chegavam do alto-mar. A pesca marca profundamente o cotidiano das sociedades amazônicas (Motta-Maués 1999). E em Bragança, de modo especial, isso é muito expressivo, já que as dinâmicas territoriais e culturais estão vinculadas ao ecossistema do manguezal (Vieira et al 2013, Silveira & Souza 2014).

Ao todo eram quinze os bares alinhados um ao lado do outro, sendo uns menores que outros, em que mulheres, homossexuais e travestis compartilhavam o gerenciamento destes estabelecimentos. Estas pessoas providenciavam a bebida, distrações e as possíveis

acompanhantes para os [homens] que ali chegavam. Havia alguns nomes interessantes, a exemplo, o “Bar Delas”, “Barraca da Morena” e “Barraca da Bacana” que diziam de certa forma, o perfil feminino da recepção naquele local.

Assim, o movimento festivo da noite alcançava seu ponto mais denso quando da chegada destes homens, em sua maioria pescadores, de viagens que duravam, em média, de quinze a trinta dias, ou mais dependendo da produção pesqueira. Ao aportarem em terras firmes da pequena cidade, estes chegavam sedentos de festas, lazer, alívio, desejo e gozo, e encontravam nos bares os lugares ideais para comemorarem o curto tempo (não mais que uma semana, quando a pesca está boa) em que ficam até retornarem novamente para mais uma jornada de trabalho.

Por entre as barracas de madeira era possível vislumbrar sujeitos de diferentes idades, corporalidades e estilos, e assim com expressões de gênero que variavam da *bicha mesmo*, veado, gay, passando pela travesti e pela *sapatão*, expressões cunhadas no meio popular brasileiro (Fry 1982) e que ganham também referencialidade na sociabilidade homossexual em Bragança. Estes sujeitos, assim como mulheres e homens ditos heterossexuais, aproveitavam a penumbra para tecerem ali seus encontros afetivos e sexuais, e também exercerem práticas sociais que escapavam do controle e vigilância diurno (Margulis 1997). Um exemplo era o consumo e venda de drogas (em especial a *Cannabis Sativa*). O grupo de usuários era diverso, abrangendo mulheres

e homens de distintas idades. Estes ficavam reservados ao breu dos lugares recônditos deixados entre os vãos das barracas.

Esse frenesi da vida noturna na feira livre poderia ser visto a qualquer dia da semana, intensificando-se nos dias de quinta a sábado. Como num ritual de passagem entre as coisas do dia e da noite, os modos de ocupar a feira mudavam na medida em que os trabalhadores do dia eram substituídos pelos da noite. Enquanto uns voltavam para suas casas, depois de um dia inteiro de trabalho, outros chegavam à feira livre adentrando suas vielas. Num intervalo de tempo, que correspondia entre às deztoito e vinte horas, era perceptível o distanciamento das formas de apropriação do espaço próprias ao período diurno. Os sujeitos e as intencionalidades já não eram as mesmas.

Ao lado esquerdo do Mercado Municipal de Carne, um monumento em estilo neoclássico datado de 1911, um grupo de homens alçavam uma mesa de madeira utilizada para os jogos de baralho ou dominó. Em meio às mudanças, estes homens até hoje realizam tais práticas. Em círculo eles se aglutinam e socializam-se. Os curiosos e interessados ficam em volta, e preenchem o vazio noturno de um ponto de táxi. A medida que jogam, estes homens figuram e participam da vida noturna. Compõem a trama social que se desenrola na zona portuária.

No entanto, os cenários apresentados mudaram estruturalmente ao longo dos últimos anos. O cenário acima descrito compõe parte do acervo de

informações contidas nos diários de campo do autor quando este iniciou sua pesquisa de mestrado em agosto de 2013³. Na época, este cenário conhecido entre seus habitués como feirinha se constituía num exímio polarizador de gente vinda das mais distintas e distantes partes do núcleo urbano da cidade. Por vezes, também era possível encontrar pessoas moradoras de comunidades rurais próximas, geralmente homens, que frequentavam o local porque eram empregados na economia pesqueira e assim sendo, eram responsáveis por zelar as embarcações. Outros vinham a procura de alguém conhecido ou para outros fins.

Na geografia local, a feirinha se constituía num espaço recente formado a partir da retirada dos trabalhadores informais do Mercado Municipal de Carne, ocorrida em 2011 para fins de restauração predial. Ao longo dos anos a feirinha sofreu distintas transformações e no final de 2013, este cenário muda com a promulgação da lei municipal nº 4.286/2013 que instituiu horários de funcionamento de estabelecimentos que vendiam bebidas alcoólicas localizados na feira livre.

Isso provocou uma profunda mudança na organização e sociabilidade que se estabelecera na região do cais do porto. Os/as donos/donas dos bares começaram a fechar as portas, pois seus estabelecimentos só se mantinham pelos lucros arrecadados no período da noite. Mesmo que alguns bares funcionassem pela manhã como restaurantes, os lucros não supriam as despesas. Os estabelecimentos fechavam justamente

no horário em que seus frequentadores mais procuravam.

Como reflexo desta mudança, a feira passou a ser marcada pela inospitalidade ao invés da efervescência da vida noturna. Tornou-se mais frequente os casos de assaltos e de brigas envolvendo homens usuários de drogas e vigilantes noturnos pagos pelos comerciantes para guardarem suas barracas.

Em meio a essas mudanças alguns sujeitos começaram a migrar para outros espaços em busca de lazer e outros permaneceram por alguns fatores: a) o cais do porto não deixou de ser um lugar de desembarque pesqueiro, o que significa que os trabalhadores da pesca ainda continuaram a usufruir, aos seus modos, daquele lugar; b) historicamente, existem sujeitos que estão atrelados simbolicamente a estes lugares portuários e que co-habitam o cais, configurando assim uma paisagem decadente, marcada pelo abandono, desprezo e marginalidade, são eles, os mendigos, moradores de rua, dependentes químicos, entre outros.

Além destes, também figurava a zona portuária, os denominados “pirangueiros”, sujeitos desqualificados socialmente, que vagavam pelo cenário descrito a procura de alguma oportunidade, seja ela qual fosse incluindo a possibilidade de ter sexo gratuito.

O pirangueiro é uma identidade social marcada por estigmas e desqualificações. No contexto pesquisado, ora está associado ao pescador, ora ao morador de rua, e em outros contextos ao tra-

balhador informal. Conforme veremos adiante, este sujeito figura como personagem em espaços ditos marginais, social e moralmente falando, da sociedade brasileira e reflete em contextos amazônicos num tipo social muito comum.

Assim, um dos objetivos deste trabalho é vislumbrar o campo de ação linguística e cultural que o termo pirangueiro instaura ou vislumbra na compreensão do mundo amazônico. Como através desta categoria é possível descrever a construção do masculino em Bragança? Para isso se pretende contribuir com os estudos sobre identidades regionais pensadas a luz da sexualidade e do gênero.

Desse modo, na primeira parte deste artigo, procuro problematizar a construção social da masculinidade e suas relações com o espaço da pesca e do porto. Historicamente, existe uma vinculação destes campos à atuação masculina. Num segundo momento, a partir de uma situação etnográfica ocorrida no início dos trabalhos de campo em 2013, pretende-se abordar os cruzamentos que podem existir entre o sujeito pirangueiro e a sexualidade, entendendo que as identidades são construções sociais, e como tal constroem modos de interação específicas e, ao mesmo tempo, produz discursos que perfaz efeitos concretos no esquema cultural estudado. Por fim, num terceiro momento, pretende-se contextualizar os usos do termo pirangueiro relatados por algumas pesquisas realizadas no Brasil e no Pará, em que aparece esse tipo social.

O CAIS PORTO E A SOCIABILIDADE MASCULINA

O universo do rio e do mar, assim como o das matas, permeia de maneira intrínseca o imaginário bragantino (Silveira & Souza 2014). Há algum tempo, o rio era o principal caminho de acesso de moradores de comunidades rurais ao núcleo urbano de Bragança, uma cidade de aproximadamente 120 mil habitantes. E também era por meio dele que chegavam até a cidade os diversos produtos agrícolas (destaque para a farinha de mandioca e o feijão como principais) oriundos das comunidades produtoras.

Num livro já clássico e notório para os estudos sobre a região bragantina, em especial sobre o folclore e as manifestações culturais da região, o historiador Armando Bordallo da Silva, que estuda antropológicamente o cotidiano bragantino em meados do século XX, descreve numa passagem o cotidiano do cais do porto da cidade, vejamos: “Céleres, de velas pandas, chegam da costa marítima os pequenos ‘latinos’ e os ‘bastardos’ carregados de peixe fresco que logo é disputado por uma legião de pessoas” (1981: 14).

É ele quem mais a frente destaca como o trapiche da cidade, uma extensão sobre o rio construído em madeira, tornou-se desde o princípio um espaço de trocas e de socialização entre os mais distintos sujeitos. Era no cais do porto que as pessoas se atualizavam dos acontecimentos. Neste lugar a fofoca ganhava centralidade.

“À margem do Caité existe uma grande ponte de madeira, em frente

ao mercado da cidade. Pela manhã cedo, entre 5 e 7 horas, este local é o ponto de reunião predileto de todas as classes sociais que aí comparecem para a feira, onde os produtos nativos, especialmente os do mar – peixe fresco e seco, camarão fresco e seco, caranguejo e sururu – são vendidos a quem mais der. No começo dessa ponte, ou melhor, na “cabeça da ponte”, havia (1910 – 1945) uma coberta ou um pequeno chalé de madeira, abrangendo toda a largura da mesma, com passagem ao centro e lateralmente os depósitos da Prefeitura e os Serviços de Fiscalização. Neste local, fazia ponto, uma vendedora de mingau, figura popular, conhecida por Tia Aurora, preta velha, baixa e gorda, vestindo sempre enormes saias de vivas cores e mandriões rendados trescalando a patchouli, priprioica e outras ervas de cheiro. Preparava e vendia gostosos mingaus de arroz, milho ou de massa puba. Ela divertia a freguesia com suas gostosas gargalhadas e participava de comentários da vida alheia. Quem quisesse saber dos acontecimentos, das intrigas, das briguinhas de família, que fosse “à cabeça da ponte”, nome pelo qual ainda hoje é designado esse local.” (1981: 15)

O autor também enfatiza o intercâmbio cultural que havia entre os bragantinos, residentes fixos, e as demais pessoas oriundas de vários lugares, inclusive de outros municípios próximos. Os produtos que chegavam ao cais eram escoados por trilhos até uma antiga estação ferroviária e levados até a capital Belém pela Estrada de Ferro de Bragança (EFB), um projeto que integrava o processo de modernização por

qual passava o Brasil no início dos anos de 1900 e que foi financiado por capital estrangeiro (Leandro & Silva 2012).

Desse modo, o que se apresenta é a constituição de uma feira livre cuja centralidade está no porto e que como muitas outras na Amazônia surgiram à beira de um rio, caminhos naturais usados historicamente para a mobilidade e para o estabelecimento de relações sociais e comerciais entre diferentes grupos.

Uma feira que se consolidou como “livre” pela contínua ação de sujeitos que comercializavam infinitos produtos com populações pertencentes à região bragantina. Municípios que tinham na cidade de Bragança, um polo centralizador do comércio de especiarias, situação que no decorrer dos tempos continua a permanecer, haja vista o intenso fluxo de ônibus e outros meios de condução que deslocam diariamente dezenas de pessoas de outros municípios e comunidades à zona urbana da cidade.

O cenário portuário, expressa-se então, em contextos amazônicos ribeirinhos, como o principal local de expressão de uma potência societal (Maffesoli 2007), mobilizadora de gente, que dá forma social ao espaço, ou minimamente consolidada uma estrutura comum de interação, conforme afirma Georg Simmel (1983).

Assim, o cais do porto ao longo dos anos se tornou um lugar expressivo da sociabilidade, em especial, a masculina. Como forma de vislumbrar este cenário e compreender melhor sua produção, organização e vivência, trago algumas fotografias que remetem ao início do século XX e que mostram vários momentos históricos por qual passou

a feira livre de Bragança.

Na **figura 01** é possível visualizar o trapiche em madeira onde havia um trilho que facilitava a escoação da produção agrícola do porto até a estação ferroviária da cidade, e dali para a capital paraense. Sobre o trapiche um caboclo⁴ carrega dois paneiros (instrumento artesanal construído por tiras entrelaçadas de palmeira) de farinha de mandioca.

Aos fundos, percebe-se que há um estabelecimento onde está escrito “Bar e Restaurante Amaral”. Nele estão penduradas placas publicitárias possivelmente de bebidas da época. Sob suas calçadas dois homens velam estáticos, ambos de chapéu de palha.



Figura 01 – SOARES, Lúcio de Castro, SOMLO, Tomas. Transporte de farinha em paneiros – Bragança (PA). 1956. (Acervo IBGE).

As imagens, para além de um documento histórico, compõem parte da comunicação humana justamente porque está relacionada com a experiência de estar no mundo (Sammaim 2001). Como diria Cornelia Eckert e Ana Luíza Rocha (2010) num pequeno texto que reflete sobre

a reciprocidade cognitiva que o ato de pensar a cidade e as coisas no mundo gera na subjetividade daquele que a pensa, “as imagens da cidade vivida povoam nossas memórias”.

Isso significa que somente o cidadão constrói a cidade, mas esta interfere diretamente na sua construção como sujeito, nos modos de uso e apropriação. Desse modo, impõe-se uma reciprocidade, conforme Simmel (1983), na qual o sujeito que pensa configura o pensado. Ao observar estas imagens compreendemos então a cidade como “objeto temporal” (Eckert & Rocha 2010) porque ela é vivida, sentida, narrada e principalmente interpretada.

Na **figura 02**, percebe-se o posto fiscal citado por Bordallo da Silva (1981) que se localizava ao lado do “Bar e Restaurante Amaral”. Percebe-se que os melhoramentos urbanos ainda não haviam sido implementados pelo governo municipal. Somente em 1968 é executado, na época pelo prefeito Emílio Dias Ramos, um plano de melhoramento urbanístico da zona portuária bragantina, inspirado em modelos do sul do Brasil.



Figura 02 – Bar e restaurante Amaral. Ao lado, posto de fiscalização portuária construído em madeira. 1956 (Acervo IBGE).

A partir da análise dessas fotografias é possível identificar os elementos que historicamente estão vinculados ao cenário portuário e que ajudam a explicar os traços constitutivos de uma sociabilidade masculina. Nestes contextos, o bar tem a função social de “aliviar” as tensões expressas pelo mundo do trabalho. Percebe-se que ao longo do tempo ele se constituiu como um lugar de lazer e refúgio, pronto a atender estes homens no término de suas jornadas de trabalho.

Numa pesquisa nos locais de abastecimentos de produtos agrícolas em Belém-PA, Silva & Castro (2013), apontam também como os homens ocupam predominantemente os locais portuários estudados, mercados e feiras da orla fluvial, exercendo as mais diversas atividades laborais. No universo dos trabalhadores pesquisados, os homens representavam 89,3%, da amostragem, na faixa etária entre 39 a 49 anos. Além disso, as autoras apontam o porto como um espaço de interação e vínculo entre a cidade e o interior.

Como dito anteriormente a atividade econômica da pesca se consolidou, historicamente, como uma atividade eminentemente masculina, na qual coube ao homem, os chamados “trabalhadores do mar”, a participação plena na captura de recursos marinhos, em detrimento da participação feminina no setor da pesca, cujo trabalho é invisibilizado (Motta-Maués 1999).⁵

Estes homens constroem suas masculinidades, principalmente em grupos com outros homens, uma zona

de poder marcada por desigualdades e diferenciações internas de classe, etnia, sexualidade e outras (Kimmel 1998). Para este autor os significados das masculinidades são variáveis, seja de cultura a cultura, ao longo da história, podendo mudar também no interior de um mesmo grupo social, assim como ao longo da trajetória de vida de uma pessoa.

Assim, Connell (1995: 189) sugere que devemos pensar na construção da masculinidade como um projeto, individual e coletivo, que é construído ao longo dos anos e que pode ou não se consolidar na dialogia com as instituições sociais existentes. Desse modo, para o autor as “masculinidades hegemônicas” são produzidas conjuntamente com outras masculinidades, conforme salienta:

“[...] diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela.”

Para além da análise das relações entre homens e mulheres, o gênero seria um regime político de produção da vida humana. Segundo Vale de Almeida (1996: 166 e 164, respectivamente): “a sociedade não é construída independentemente do gênero e não pode por isso ser um contexto explicativo para ele”. E continua: “É ao nível da negociação quotidiana, das interações carregadas de poder, das reformulações das narrativas de vida, que o gênero

como processo e prática pode ser apreendido”.

No regime de gênero, a masculinidade se produz na contraposição a outras masculinidades, e estabelece diante disso, distinções marcadas pelo poder. Portanto, a “masculinidade hegemônica” é uma construção social e histórica, no qual se definem a inferioridade do feminino e das masculinidades outras, denominadas de subordinadas.

“A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre todas as mulheres um efeito controlador. Implica um discurso sobre a dominação e a ascendência social, atribuindo aos homens (categoria social construída a partir de uma metonímia do dimorfismo sexual) este privilégio potencial.” (Vale de Almeida, 1996: 163)

O privilégio da hegemonia é invisível aos olhos de quem dela participa (Kimmel 1998). Isso justifica, de certa forma, o fato do homem, no sistema bofe-bicha (Fry 1983), não ter sua masculinidade questionada quando este assume sua atividade de penetrador numa transa com outro homem. Ao contrário, em determinados contextos, o exercício de dominação sobre outro homem é até realocada como atributo do macho.

Ao pensar os conceitos de masculinidade nas produções antropológicas recentes, Gutmann (1998: 49), enfatiza os elementos da hombridade:

El primer concepto de masculinidad sostiene que ésta es, por definición, cualquier cosa que los hombres piensan y hagan. El segundo afirma que la masculinidad es todo lo que los hombres piensan y hagan para ser hombres. El tercero plantea que algunos hombres, inherentemente o por adscripción, son considerados “más hombres” que otros hombres. La última forma de abordar la masculinidad subraya la importancia central y general de las relaciones masculino-femenino, de tal manera que la masculinidad es cualquier cosa que no sean las mujeres.

Diferentemente dos homens, as mulheres não são bem vistas e vindas no espaço portuário. Quando o contrário ocorre, a presença feminina se faz julgada a dos homens. Ao discorrer sobre a *Amistad masculina*, Matthew Gutmann (1998) destaca que um tema central na criação dos denominados “vínculos masculinos” é a necessidade que os homens têm de se socializar em lugares onde as mulheres estejam excluídas.

Numa espécie de comensalidade do álcool e do jogo, analisada e proposta por Vale de Almeida (*op.cit.*), os homens ocupam o espaço da feira livre para ali exercerem suas masculinidades e identidades sociais, num aprendizado mútuo, cujo lugar investido simbolicamente para incorporação destas aprendizagens é o corpo.

Num artigo recente sobre o mesmo contexto aqui analisado, Silva & Silveira (2016) discorrem sobre as memórias de um de seus interlocutores para compreender a fluência dos desejos construídos a partir da vivência dos

homens na feirinha. Nas memórias de Durval, interlocutor que vivenciou de modo mais efetivo a feira na época dos anos 80 e 90, são frequentes a ênfase que relaciona o universo masculino aos bares. Também aparece em sua narrativa a imagem eloquente do “chale”, um prostíbulo localizado a beira rio, que até a década de 90 aglutinava muitas pessoas. Neste espaço voltado a atender os desejos do homem e sua “masculinidade hegemônica” (o público mais frequente eram os trabalhadores da pesca), havia a participação de bichas, veados e travestis nos arranjos eróticos, expressas por corporeidades que se aproximam do feminino, e que por isso, são significadas “masculinidades subordinadas”.

Durval destaca que em sua época era mais comum visualizar a figura da mulher prostituta (chamadas popularmente de *ploc*) no espaço do cais do porto, do que propriamente da travesti. Apesar de que desde os anos 80 há relatos da sociabilidade homossexual neste espaço (Sousa Silva 2015). De maneira nostálgica ele lembra que mesmo existindo *as ploc*, muitos homens procuravam as *bichas para se aliviarem*. Vejamos um trecho da entrevista com Durval:

O que marcava naquela época era quando chegava um barco. Que quando chegava um barco, porque a coisa tava boa mermo, tinha noite da gente fazer até seis... oito programa e as bichas faziam. Elas tinham que fazer, porque eles [os pescadores] levavam pelo braço.⁸

A narrativa acima aponta novas possibilidades de compreensão das masculinidades exercidas nos territórios

costeiros amazônicos, cujas realidades sociais ainda são marcadas por moralidades implementadas desde a colonização (Harris 2006). Aponta-se para as fissuras nos modelos hegemônicos de masculinidade, na medida em que as subversões de gênero, isto é, as “masculinidades subordinadas” constroem outras vivências no interior da própria hegemonia (Vale de Almeida 1996).

Dessa forma, as relações entre bichas e bofes apontadas por Fry (1982) podem não ser tão hierárquicas como se propõem a ser. A distância entre o que se diz e o que realmente se faz, demonstra expressões de gênero e de sexualidade que podem não ser encaixadas e compreendidas pelas categorias conceituais existentes.

Um exemplo interessante para entender essa fissura na hierarquia de gênero em Bragança pode ser pensada através da alcunha “besouro”, empregada ao homem que transa e se relaciona com outros homens, mais propriamente a bicha. Nesse sistema, a hierarquia entre passivo e ativo permanece, pelo menos discursivamente como forma não questionável. No entanto, o que se questiona é justamente as possibilidades de outras fricções entre dois sujeitos que passa por uma relação de troca e camaradagem. Claro, que dessa relação a masculinidade do dito “Besouro”, que é também o “Bofe” era posta em xeque.

Outro exemplo interessante para pensar esses cruzamentos de identidades influenciadas pela sexualidade é o estabelecimento de relacionamentos duradouros entre o pescador e a bicha (que

não necessariamente se remete a um sujeito passivo sexualmente), mantidas disfarçadamente pela lógica da camaradagem. Estes homens tinham famílias e relacionamentos heterossexuais, e ao mesmo tempo parcerias homoafetivas.

Nesse contexto da feirinha, o pescador era denominado de pirangueiro, um tipo de homem que refletia características rudes de um caboclo. Alguém essencialmente macho, cuja virilidade pode ser compartilhada inclusive numa relação com outro homem, já que o desejo de alívio transcende as normativas de gênero. É sobre este sujeito que se discorrerá tomando como ponto de análise uma situação etnográfica ocorrida nos primeiros momentos do trabalho de campo na feira. Esta situação revelará um jogo cultural interno (homem-homem, pescador-pescador) de diferenças e desqualificações apreendidas aos ditos sujeitos marginais.

O ALÍVIO (IN)CONTIDO DO PIRANGUEIRO

Era um dia de domingo e a cidade estava muito agitada devido a uma festa de aparelhagem que iria acontecer numa sede campestre um pouco distante da feira. Na ocasião, fui acompanhado de um amigo, com quem tinha combinado previamente uma visita a feira livre. A previsão era que sássemos às 19 horas para fazer a visita. Houve um atraso e acabamos saindo do prédio onde estávamos por volta das 20 horas. O prédio se situa de frente a feira livre municipal. Ao sairmos o cenário que se vislumbrava era pacato. As lojas estavam todas fechadas. Num ponto

de táxi ao lado do mercado de peixe, distante um pouco mais 50 metros do Mercado do Carne de Bragança, havia dois ou três taxistas trabalhando, sendo que próximo deles havia um grupo de homens jogando cartas. Estes sentados em círculo eram os únicos a ocupar um lugar inóspito, devido a decorrências das horas, que pela manhã é de grande efervescência comercial.

Ao chegarmos próximo de um galpão comercial, avistamos uma travesti deambulando em direção a uma viela que a conduziria para o interior da feira do Peixe Fresco⁹. De acordo com o meu amigo, antes dela havia entrado nesta viela, minutos atrás um homem de bicicleta. Possivelmente estávamos diante de um *esquema* (termo êmico usado para fazer referência a uma ação coletiva previamente articulada, neste caso uma negociação sexual). A travesti percebe a nossa presença e recua. Algo parece ter dado errado. Penso que a nossa presença não necessariamente atrapalhou tal situação, haja vista que naquele contexto éramos apenas passantes, e assim sendo, ela daria pouca importância, já que dificilmente perderia um programa por conta disso. Dessa forma, ao ver o seu recuo para a feirinha, resolvo anotar estes fatos numa esquina próxima. Esperamos um pouco e resolvemos fazer o percurso que a travesti iria traçar, rumo em direção à feira do Peixe Fresco. Logo na entrada havia quatro homens conversando, alguns sentados num parapeito de um ponto comercial e outros em pé. Ao passar por eles, dizem – “Boa noite!”. Saudamos e seguimos olhando desconfiados para trás. Naquele momento

estavam apenas os quatro homens e nós. Visivelmente não avistamos mais ninguém.

Seguimos e eles ficaram nos olhando. Ao chegar próximo a feira do Peixe Fresco, por uma viela que vai se estreitando no decorrer de sua extensão, surge uma mulher. Esta viela é um dos principais pontos de acesso ao interior da feira. Nela existem açougues, lojas de confecções, pontos de venda de farinha, entre outros.

O que chamou a atenção foi o silêncio intimidador que imperava neste local, que se misturava aos feixes opacos de luzes que recaiam sob algumas barracas. Resolvemos voltar. Ao sair voltamos pelo mesmo caminho. Ao passar pelos homens que ali conversavam, somos interrogados se tínhamos algum dinheiro para comprar um “goró” (expressão popular para cachaça). Dissemos que no momento não tínhamos. Eles insistiram dizendo que eles iriam “dá a forra” mais tarde! Percebendo que nós éramos homossexuais, nos classificaram atribuindo a nós uma condição que está associada ao dar o dinheiro em troca de serviços sexuais (a dita “forra”).

Ao sair dali, seguimos rumo à feirinha. Resolvemos fazer as observações de um ponto de taxi, localizado nas imediações do Mercado Municipal de Carne e que ficava de frente para as barracas de madeira, ponto de encontro entre as travestis e homossexuais. O espaço era estratégico, pois se tratava de um ambiente escuro, de modo que quase não se percebia quem nele estava. Deste local percebíamos as mo-

vimentações, a entrada, permanência e saída dos transeuntes no espaço da feirinha.

Avistamos novamente a travesti, anteriormente falada, agora em frente as barracas. Um rapaz trajando camisa preta e bermuda entra em meio a penumbra para urinar. A travesti que estava na rua observando as movimentações, adentra a feirinha pela mesma viela. Ao passar pelo rapaz, usa de algum indicativo verbal ou gestual, convidando o rapaz para uma conversa. Ambos se perdem no escuro. Transcorrido alguns minutos, ela sai por uma viela e o rapaz por outra. Ambos não se falaram mais. Ele seguiu em direção a orla da cidade e ela continuou a ficar em frente as barracas.

Por vezes muitos homens adentravam despídos da camisa, deixando a mostra o seu corpo ou parte dele. O corpo suado demonstra que devem trabalhar por ali, ou aponta o tempo em que estes já estão a ocupar, ou co-habitar, o espaço.

Com o passar do tempo o fluxo de pessoas no espaço da feirinha diminuía. Duas travestis continuaram na frente das barracas observando a movimentação de transeuntes que naquela noite era intensa. Nem todas as travestis envolvidas na sociabilidade da feira, faziam programas sexuais. Muitas iam somente porque vislumbravam na feirinha um lugar de convívio. No entanto, a procura por sexo casual era uma constante entre boa parte do grupo. As duas travestis que estavam na rua, produziam atos comunicativos que chamassem a atenção dos passantes,

sendo que geralmente estes olhavam e respondiam aos convites lançados. Existia códigos de paquera e estes eram entendidos somente por aqueles e aquelas que participavam do jogo da conquista. Durante todo o tempo em que estávamos observando no ponto de taxi, pensávamos que pouco exercíamos a observação dos outros. No entanto, éramos também observados.

Um senhor trajando uma camiseta de futebol, bermuda preta e um cordão de aço que reluzia tamanha sua espessura, passou em frente ao local onde estávamos. Curioso, ele retornou e adentrou o ponto de táxi, indagando-nos se éramos namorados. Seu modo malicioso de olhar nos inquietou. Perguntou o que éramos então, numa tentativa de compreender nossos posicionamentos sexuais. Ao saber que se tratava de dois amigos, perguntou se podia sentar. Olhava-nos de maneira intimidadora. Disse que havia nos visto entrar neste local e percebeu nossa demora em sair. Ele estava anteriormente com o grupo de homens jogando baralho, na esquina do Mercado de Carne. Disse que era do estado do Ceará e que já tinha vindo muitas vezes a Bragança, e que desta última viagem, já que era pescador, já estava “*pra mais de mês*” na cidade.

Ao ser interrogado sobre o motivo de estar ali, disse que estava passando o tempo, enquanto esperava um transporte que o conduzisse até uma comunidade denominada Bacuriteua¹⁰ onde residia. Começamos a prolongar a conversa e a indagá-lo sobre o que acontecia naquele espaço (em referência a feirinha). Ele acabou apresentando um cenário marcado por muitas

negociações. Disse que existem muitos pescadores que frequentam aquele espaço. Que saem com as travestis, que chegam por vezes a deixar uma mulher para ficar com uma travesti, segundo suas palavras. E que pagam, 10, 20, 30 reais para sair com elas. Disse isso com ares de desdenha.

Sobre a frequência de pescadores no lugar referido, este senhor disse, que as vezes chega a dar “*mar de homem por lá*” (em referência aos bares), de 12 a 15 homens, aos “*montes*”. Isso tende a ser mais visível quando há descarregamento de mercadoria dos barcos, quando estes chegam do alto mar.

Sentados em sequência, da esquerda para a direita, estava meu amigo, eu e o dito senhor, que aparentava ter cerca de 45 a 50 anos. Este nos perguntou se não estávamos afim de alguma coisa naquela noite, pois ele conhecia um lugar “*legalzinho para a gente ficar mais a vontade*”. Perguntei se ele costumava sair com as *bichas* que ficam por ali. Desdenhou, inferindo qualificações depreciativas. Segundo ele, algumas delas tiram proveito da situação, “*dando uma de esperta*”.¹¹

A partir disso, disse que gostava de “*coisa mais arrumadinha*”, “*cheirosinha, que nem essa daí*” (apontando para o meu amigo). Naquele momento, foi possível perceber os critérios eleitos que são estabelecidos para a escolha do parceiro ou parceira sexual. Existem indicadores eróticos que inferiram na escolha do velho pescador. Em primeiro lugar, de modo mais aparente, uma questão de geração, o que justifica a procura entre os clientes pelas ditas *bichas* e tra-

vestis novinhas. Isto comporia parte de um fetiche que relaciona juventude e potência sexual. Posteriormente, e em concomitância, o aspecto de gênero que agruparia o sujeito em mais/menos próximos da feminilidade. Quanto mais afeminado mais valorado.

Qual a relação entre este senhor e os quatro homens que estavam conversando numa das vielas da feira? Em que eles se aproximam? Se estas perguntas nos apontam caminhos diversos de entendimento, há algo em comum que as fundamenta. Estes homens seriam reconhecidos como pirangueiros, numa apresentação geral, pois apresentariam atributos que os caracterizariam como tal, conforme vemos mais adiante. Essa caracterização não passa somente pelo uso de determinados objetos e vestimentas, mas também pelo modo como constroem as suas agências, mediadas pelo jeitinho brasileiro, ou seja, pelas estratégias de desfaçatez. Além disso, existe uma estrutura eficaz, uma funcionalidade espacial, constatada na procura e devaneio sexual, que infere olhares de desejo a todo aquele ou aquela que atravessa o espaço.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO “PIRANGUEIRO” E IDENTIDADES SOCIAIS AMAZÔNICAS

A categoria pirangueiro usada pelos meus informantes e pelos demais habituéis da feirinha é um definidor de sujeito, que aparece nos discursos locais como aquele em estado de carência, seja social, afetiva e sexual, e que por isso “piranga”, ação de pedir. No entanto, o pirangueiro não é um mendigo,

mas um mendigo pode ser um piranguero. Essa diferenciação não é muito clara, mas ela permite compreender a inserção de um sujeito a lugares, experiências e condições, que ele não teria se não fosse pela “pirangagem”. O piranguero estaria muito mais voltado para a figura do malandro do que propriamente do mendigo. Utilizando do jeitinho à brasileira, se pensarmos com Roberto DaMatta (1986), o piranguero acessaria outros níveis sociais.

Se pensarmos que a sociabilidade instaurada na feira livre, é uma sociabilidade que imerge no universo obscuro e arisco da noite, podemos então compreender que neste contexto ser malandro é uma estratégia de sobrevivência.

Num levantamento de pesquisas relacionadas à expressão piranguero, foi encontrado uma polissemia de atribuições dadas a esse sujeito em diferentes contextos nacionais, embebido de significados sociais e culturais que podem ser variáveis. Desse modo, na pesquisa de Paula (2010:75) com matadores de aluguel no estado do Ceará, o termo piranguero surge com o significado de “criminoso que comete pequenos delitos”. É aquele que realiza assaltos e pequenos furtos. Ao mesmo tempo é aquele que é desqualificado e estigmatizado por compor parte deste grupo.

No Pará e em alguns outros estados da região norte, o termo piranguero aparece também vinculado a esta conotação. Na linguagem popular contemporânea, tem-se escutado com mais frequência a expressão “malaco” para designar o sujeito (geralmente um adolescente ou jovem, de camada popular

marcado também por questões étnicas) que é envolvido em situações de pequena infração. Este personagem que até pouco tempo era mais comum e estava diretamente vinculado aos centros metropolitanos da região, atualmente tem se difundido, não somente pela prática ou modo de fazer que os classificam socialmente, mas também pelo fato destes “malacos” apresentarem performances corporais e estilos bem peculiares.

O “malaco” assim como o “piranguero” correspondem à produção de sujeitos periféricos e como tal trazem em suas corporalidades e estilos significados que no seu universo fazem sentido. Um exemplo disso é o uso entre ambos os sujeitos de roupas e adereços (bonés, sandálias, óculos, relógios e pulseiras), de marcas comerciais internacionais que acabaram, num processo de diferenciação, sendo vinculadas negativamente a esses sujeitos e suas identidades.

Então, era muito comum visualizar entre homens pescadores, assim entre os jovens que frequentavam a feirinha, o uso de roupas de marcas como *Pena*, *Greenish*, *Adidas*, entre outras. O uso dessas marcas representava uma relação de poder. Uma demonstração de poder aquisitivo. Uma forma de contraveter as injúrias e desqualificações apregoadas a estes sujeitos.

Outra vinculação ao termo piranguero diz respeito a um sujeito que é avarento. Esse sentido é popularmente conhecido em estados da região norte e nordeste do Brasil, recebendo outras alcunhas – “mão de vaca”, “muquir-

na”. Na pesquisa de Borges & Rodrigues (2015) no porto do açaí, bairro do Jurunas, Belém-PA, o pirangueiro aparece com essa conotação de avaro, mas a partir de outra expressão, “rói-rói” (aquele que rói os caroços de açaí, mas nunca compra).

Esta conotação é também empregada pelos meus informantes na feirinha. Quem mais fazia uso da expressão pirangueiro, com o valor semântico de avaro ou mesquinho, eram os homossexuais mais velhos e travestis que se socializavam na feira já algum tempo. No contexto da feirinha, o pirangueiro também se referia ao homem que procurava sexo casual, mas que não queria pagar por esses serviços.

Ainda sobre esse sentido semântico empregado ao termo “pirangueiro”, trago uma composição musical de um artista paraense, Wanderley Andrade, que exprime de forma muito enfática essa conotação:

Pirangueiro – Wanderley Andrade

Eu fumo, mas eu não trago
E quando trago, não dou pra ninguém
Eu bebo, mas eu não pago
Só me embriago às custas de alguém

A galera diz que eu não pago uma menta
Só vou no vácuo, eu nunca pago uma gelada
Sou bom de papo, a turma comenta
E ainda pago o sapo quando ninguém quer pagar nada

Meu jeito é esse
Eu chego sentando à mesa

Pegando o copo, tomando a cerveja
Não pago a despesa, não tenho dinheiro

Sou pirangueiro

Como personagem nacional (DaMatta 1986), o malandro, e conseqüentemente o “pirangueiro”, seriam ambos os especialistas da malandragem. Com o jeito “folgado” e sem escrúpulos, eles utilizariam de um “bom papo” para conseguirem o querem. Isso de certa forma, retrata um aprendizado da rua, esse lugar do movimento e que é de todos. “Pirangar” seria usar de artimanhas para se conseguir determinada coisa, ser “bom de papo” é uma delas. Dessa forma, o pirangueiro estaria associado também às ideias de cumplicidade, camaradagem, solidariedade, não se constituindo somente numa noção de pessoa empregada a homens, mas poderia também ser atribuído, menos frequentemente, a mulheres, travestis, bichas e outros.

E para finalizar esta última parte do texto, antes das considerações, o último significado empregado ao termo pirangueiro. Quem nos dá melhor definição sobre este sujeito é Durval, que vivenciou a (homo)sociabilidade neste espaço desde a década de 70. Em conversa informal, ao lembrar de seus tempos de convívio na feira livre, ele afirmava que a rua que passava em frente a feirinha era conhecida como Rua dos Pirangas. Ao perguntar o sentido empregado para tal referência ele destaca:

Pesquisador – Mas piranga quer dizer o quê?

Durval – Os pescador. Eles não

chegam do mar piranguinho. Piranguento, querendo torar quem eles encontram pela frente.¹²

“*Piranguento*” pode ser compreendido, então, como um estado de vivência e de carência sexual em que se encontram os trabalhadores da pesca quando retornam de viagens prolongadas e cansativas do alto mar. Por isso, diversas vezes foi ouvida e pronunciada a expressão “*Se aliviar*” por parte das pessoas que frequentavam o local na época da pesquisa, fazendo alusão a possibilidade do gozo naquele local. A expressão “torar” empregada por Durval significa justamente um coito brutal, avassalador.

Portanto, o piranguero como dito anteriormente é um tipo social, que em Bragança está relacionado ao cenário portuário, e suas vivências passam pelo exercício no mundo da rua e do trabalho desde muito cedo. Homem mestiço cujo corpo talhado pelas atividades braçais, expressa um tipo masculino “hegemônico”. Homem cuja masculinidade é validada pelo trabalho. Ao mesmo tempo, é um tipo desqualificado, por justamente não ter acúmulo de riquezas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de contribuir com os trabalhos que versam sobre a construção das identidades sociais na Amazônia, e mais especificamente pensando pela via da sexualidade, é que este trabalho se propôs. Para isso, analisou-se as conotações culturais e semânticas vinculadas ao termo “piranguero”, tipo social muito comum em contextos re-

gionais do norte e nordeste, que possui significado polissêmico, e que é vinculado a contextos marginais, periféricos, estigmatizados.

A partir dessa categoria, discorreu-se sobre o exercício da masculinidade. Assim, ao pensar os cenários de uma feira livre e a constituição de sua organização foi possível perceber que historicamente o cais tem se mostrado como espaço em excelência da sociabilidade masculina. E assim, os homens ao vincularem espaço e produção identitária, produzem numa correlação suas masculinidades.

Pensando sobre masculinidades, o artigo também tratou dos elementos regionais e culturais que influem na constituição dessa masculinidade. Alinhada a uma perspectiva regional, podemos afirmar que a masculinidade em Bragança, é delineada por uma matriz ideológica que elabora modos de ser e viver de sujeitos.

Nesse sentido, Jeffrey Weeks (2000) afirma que a sexualidade ocidental foi construída e pensada a partir de uma linguagem “avassaladoramente masculina”. Isso é importante para compreender a metáfora sexual que envolve a figura do “piranguero” no contexto de pesquisa aqui apresentado. Regido por um instinto sexual avassalador este personagem encontraria na feira um lugar de alívio e corpos receptáculos do seu gozo. Para isso transporia as fronteiras morais entre sexos, mantendo fricções sexuais com outros homens, vivendo o êxtase do tempo presente, ou seja, do aqui e do agora (Harris 2006).

Portanto, a sexualidade construída na confluência com a cidade tem na figura do “pirangueiro” uma metáfora poderosa para dizer da condição avassaladora da sexualidade masculina exercida na feira livre, o que significa que a concepção de alívio aqui pensada está vinculada a este domínio.

Para isso, existem fatores que de certa forma colaboraram para a produção da feira como potência societal (Maffesoli 2007). Em primeiro lugar como já foi falado anteriormente, por ser um lugar da presença e dominação masculina. Em segundo, pelo “esvaziamento social”, se assim podemos dizer sobre a redução do fluxo de pessoas em períodos opostos (diurno = maior/noturno = menor). E em terceiro lugar, impulsionado e ao mesmo tempo vetor desse processo, a instalação de restaurantes/bares, que funcionam na mesma contrariedade do tempo (diurno/noturno, respectivamente) que aos finais de semana se tornam, ou pelo menos se tornavam, devido intervenções municipais no espaço, grandes centros polarizadores e irradiadores de socialização, já que era um lugar de encontro, de cambio, de passagem para aqueles que procuravam encontros fortuitos.

Pensando a produção dos significados que a masculinidade pode assumir em contextos portuários e costeiros, tomando a figura do pescador como ponto de análise, é possível fazer alguns apontamentos:

a) A expressão pirangueiro, como alcunha e identificação,

aponta para um conjunto de diferenciações que estão embutidas na produção de uma “masculinidade hegemônica”. De modo geral, as diferenciações de sexualidade e de classe, tornam-se as mais expressivas no contexto bragantino. A sexualidade, haja vista a necessidade de se comprovar constantemente, nesses grupos de homens suas masculinidades e de subjugar, numa tentativa de controle, aquelas que escapam da hegemonia. A de classe, pois estes homens, os pirangueiros, compartilham experiências próximas com a de outros grupos que estão inseridos numa lógica de marginalidade.

b) A sexualidade exerce uma poderosa força de organização social no contexto portuário, configurando espaços e sistematizando discursividades.

c) A cumplicidade e a camaradagem aparecem na sociabilidade masculina como o eixo por onde transitam todos os interesses e os conflitos, que podem ser resolvidos numa negociação ou através de um “bom papo”. Destaque para o sentido da expressão “dar a forra” empregada pelo grupo de homens na feira. A forra seria então uma estratégia, uma válvula de escape, uma solicitação para a resolução de situação.

NOTAS

¹ Os dados desta pesquisa foram obtidos com financiamentos da CAPES/Brasil. Sou imensamente grato a Jorge Lemos pela tradução do resumo, a Robson Oliveira e aos avaliadores da revista pela leitura e pelos valiosos comentários.

² Associação dos Feirantes e Ambulantes de Bragança.

³ A pesquisa se estendeu até novembro do mesmo ano, período que foi coletado maior parte dos dados. No entanto, o encerramento do trabalho de campo é “ilusório” se pensarmos que mesmo após o seu término continuamos a exercer o ofício científico de pesquisador. Desse modo, após o encerramento das investigações foram inúmeras as situações em que me deparei com novos elementos que pudessem esclarecer o fenômeno que se instaurara na feira, assim como, também não foram poucos os reencontros com os meus interlocutores. Cf. Sousa Silva (2015).

⁴ Deborah Magalhães Lima (1999) problematiza este termo, considerando-o como uma categoria de classificação social que regulariza as ordens de prestígio e status na sociedade amazônica.

⁵ A invisibilização do trabalho da mulher na economia da pesca e captura de recursos marinhos em comunidades extrativistas costeiras também foi percebido por Norma Vieira e outras pesquisadoras em Bragança (2013).

⁶ Robert Connell (1995) denomina estes privilégios que os homens possuem na sociedade, como acesso ao público, a posição de dominação, a representação na vida política, entre outras permissões, como “Dividendos patriarcais”.

⁷ *Ploc* é um termo popular que designa mulher envolvida na prostituição. Faz referência a um tipo de chiclete comercializado entre os vendedores de rua.

⁸ Entrevista concedida em 26/03/2014. Na linguagem local, usada entre “sujeitos com sexualidades e expressões de gênero não hegemônicas”, os termos “Fazer” ou “Passar” ganham conotações figurativas, e significam “ter relações sexuais”.

⁹ A feira possui várias subdivisões organizadas de acordo com os produtos comercializados: próximo ao cruzeiro da Aldeia, marco de fundação da cidade, existe a Feira do caranguejo. Em sequência, a Feira do peixe fresco e seco (nome derivado da técnica de conservação do pescado); Feira da Farinha e do açai. Ao sul está o mercado de peixe, e ao redor várias barracas que vendem especiarias, utensílios domésticos e confecções em geral.

¹⁰ Comunidade distante cerca de 08 km do núcleo urbano de Bragança. É um dos principais polos de pescado da região, onde há um fábrica de beneficiamento. Segundo Silveira & Souza (2013) é “um entre-lugar” porque está situada entre o mundo urbano bragantino e a considerada zona rural do município.

¹¹ A expressão “Tirar proveito” refere-se às algumas estratégias usadas pelas bichas e travestis para conseguir algum proveito sobre o programa. Geralmente usam de estratégias de convencimento para ganhar um dinheiro a mais. Ou seja, auferir algum lucro do programa. Isso geralmente acontece quando o cliente paga o valor menor que o cobrado.

¹² Entrevista concedida em 26/03/2014

REFERÊNCIAS

- Bordallo da Silva, A. 1981. *Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico*. Belém: Falangola.
- Borges, M. T., Rodrigues, C. I. 2015. *Relações e práticas comerciais no porto do açai, Juru-*

- nas, Belém-PA. In: Anais da V REA / XIV ABANNE, (1): 1-17.
- Connell, Robert. 1995. Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 20 (2): 185-206.
- DaMatta, R. 1986. *O que faz do Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- Eckert, C.; Rocha, A. L. C. 2010. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. *Revista Rua*, 16 (1): 121-146.
- Fry, Peter. 1982. *Para Inglês Ver: Identidade e Política Cultural Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gutmann, M. C. 1998. Traficando con hombres: la antropología de la masculinidad. *La Ventana*, n. 8: 47 – 99.
- Harris, M. 2006. Presente Ambivalente: Uma maneira amazônica de estar no tempo. In: *Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade*. Organizado por Adams, C.;
- Murrieta, R.; Neves, W., pp. 81 – 108. São Paulo: FAPESP/Annablume.
- Kimmel, M. 1998. A produção Simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, 4 (9): 103-117.
- Leandro, L., Silva, F. 2012. A Estrada de Ferro de Bragança e a Colonização da Zona Bragantina no Estado do Pará. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v.15 (2): 143-174.
- Lima, D. M. 1999. A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. *Novos Cadernos NAEA*, v. 2 (2): 5-32.
- Maffesoli, M. 2007. Homossociabilidade: da identidade às identificações. *Bagoas*, v.1 (1): 15-26.
- Margulis, M. 1997. La cultura de la noche. In *La Cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires*. Editado por Margulis, M. et al. pp. 11- 30. Buenos Aires: Biblos.
- Motta-Maués, M. A. 1999. Pesca de homem/Peixe de mulher(?): Repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. *Etnográfica*, 3: 377-399.
- Paula, R. H. A. 2010. Matadores: a construção social e simbólica de identidades violentas. *Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social*. 3 (9): 61-89.
- Sammain, E. 2001. Questões Heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais. In: *Desafios da Imagem - Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais*. Organizado por B. Feldman-Bianco & M. L. Moreira Leite. pp. 51-62. Campinas: Papirus.
- Silva, C. & Silveira, F. 2016. Caminhos (des)regrados, desejos volúveis; etnografia noturna de uma feira livre numa cidade amazônica. *Aceno*, 3 (5): 156-170.
- Silva, I. S., Castro, E. 2013. Interação rural-urbano: a sociobiodiversidade e o trabalho em portos, feiras e mercados de Belém, Pará. *Novos Cadernos NAEA*, v. 16 (1): 109-126.
- Silveira, F., Souza, C. 2014. Imaginário, trabalho e sexualidade entre os coletores de caranguejo do salgado paraense. *Estudos Feministas*, 22 (3): 755-780.
- Simmel, G. 1983. Como as formas sociais se mantêm. In: *Georg Simmel* (Coleção Sociologia). Organizado por Moraes Filho, E. pp. 46 – 58. São Paulo: Ática.
- Sousa Silva, C. J. 2015. *O alívio (in)contido: êxtase, desejo e sexualidade em uma feira livre, Bragança-PA*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. Bragança: Universidade Federal do Pará.
- Vale de Almeida, M. 1996. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, 95: 161 – 190.

Silva, C. J. S.

Vieira, N., D. Siqueira, M. C. Ever e M. Gomes. 2013. Divisão sexual do trabalho e relações de gênero em contexto estuarino-costeiro amazônico. *Amazônica* 5 (3): 806 – 835.

Weeks, J. 2000. O corpo e a sexualidade. In: *O Corpo Educado - Pedagogias da sexualidade*. Organizado por Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica.

Recebido em 20/02/2017

Aprovado em 13/03/2017